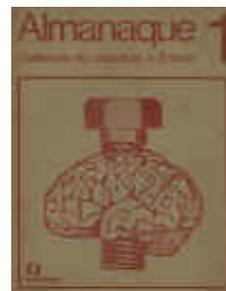


## ***ESCRITA, JOSÉ, ALMANAQUE: LEITURAS DE ROMANCE***

*Maria Lucia de Barros Camargo*<sup>1</sup>



Meu objetivo aqui é verificar, a partir de uma amostragem parcial, a quantas andou o romance na visão de três revistas literárias e culturais que circularam na segunda metade da década de setenta, ou mais precisamente a partir de 1975. O recorte se justifica, de um lado, pelas referências, quase consensuais, à existência de um "boom" literário, especialmente a partir de 1975, em que a prosa de ficção tem forte papel e, de outro, por alguns dos elementos que caracterizam o período: início da lenta e gradual abertura política no governo Geisel, em que a convivência com a censura era cotidiana, associado à efetiva existência de um mercado editorial que se consolida junto ao fortalecimento da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa.

A década de 70 tem sido apontada, paradoxalmente, como um período de vácuo cultural, de "gavetas vazias", e de "boom" literário. Vácuo nas universidades com os expurgos decorrentes da aplicação do AI-5, mas grande produtividade intelectual que irá tornar-se bastante visível a partir da segunda metade da década. Década em que a censura exercia seu poder de interdição, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação de massa e a indústria editorial se expandiam e se consolidavam. Momento em que, graças exatamente a essa expansão, discute-se a profissionalização do escritor e o crescimento do público leitor. De um modo geral, os anos 70, longe de ser um período de vazio, foi uma década de bastante produtividade, e fertilizada, ao menos em parte, pela própria atuação da máquina repressora.

Não há dúvidas quanto ao poder castrador da censura: seus cortes e interdições provocaram, dentre outras perdas, o fechamento de revistas culturais, como a

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada. Professora da UFSC.

*Argumento*, a proibição de alguns livros, como o *Zero* de Inácio Loyola Brandão ou o *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca, a constante supressão de informações jornalísticas, os incontáveis vetos a letras de músicas, e a proibição a espetáculos teatrais, como o *Calabar* de Rui Guerra e Chico Buarque. No entanto, a mesma tesoura que corta e proíbe aguça o interesse pelo proibido. Não tenho dúvidas, por exemplo, de que boa parte do sucesso editorial de *Zero*, assim que pôde circular, se deve ao fato de ter sido censurado. Num fenômeno similar, alimentou o surgimento e o sucesso da "imprensa nanica", com veículos como o *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, que cresceram na resistência ao autoritarismo do Estado e ao seu braço censor e, pelo mesmo motivo, não resistiram ao processo "lento e gradual" de abertura política, desaparecendo completamente junto com o fim do regime ditatorial. No campo das revistas literárias e culturais, também se assistiu a um fenômeno similar: muitas foram lançadas na segunda metade da década, mas não resistiram aos anos 80 e, dentre outros fatores, às novas leis do mercado.

Sobre este aspecto, dois textos já antológicos que tratam da produção ficcional nos anos 70 são convergentes. O primeiro<sup>2</sup>, um debate sobre o romance brasileiro recente, foi gravado em 1978 para o número inaugural da *Remate de Males*, revista do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, do qual debate participaram, como "perguntadores", Carlos Vogt, Flávio Aguiar, João Luiz Lafetá e Lúcia Teixeira Wisnik e, como entrevistado, Davi Arrigucci Jr. Em meio às discussões, o reconhecimento de um "boom" literário na década e de um aumento de público interessado na literatura, embora não se atribua a essa nova safra, é verdade, o mesmo valor qualitativo da *ficção* produzida nos anos 30-40<sup>3</sup>. Como diz Davi Arrigucci Jr.,

Essas publicações novas [...] são livros atraentes.[...] Tudo isso, mais o que não me ocorre, cria um panorama vivo e movimentado na *ficção* brasileira de hoje. Até um pouquinho atrás não estava havendo nada, parecia uma mortandade, né? [...] De repente, de novo a literatura começou a interessar e está representando a gente, tanto que hoje se tem do que falar. Certamente a qualidade literária não é a que se tinha.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> ARRIGUCCI Jr., Davi. "Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente" *Achados e perdidos* — ensaios de crítica. São Paulo: Polis, 1979, p. 79-115.

<sup>3</sup> Os debatedores lembram que nos anos 30 se constatou forte expansão do público leitor e crescimento do parque editorial.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 111.

Sem entrar na discussão do valor, importante demais para os limites deste ensaio, registro apenas a constatação da produtividade da "nova safra" de escritores e de romances a partir do final da década de 60, em oposição ao vácuo literário da década anterior (e não dos anos 70, diga-se), ocupado então pelo cinema, pelo teatro e pela música popular, num fenômeno talvez substitutivo ou, como pensa Davi Arrigucci, num provável deslocamento do eixo de criatividade.

O segundo texto, de Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves<sup>5</sup>, é mais taxativo ao apontar o mesmo fenômeno e suas relações com o mercado:

Menos dependente do investimento estatal e gozando de relativa autonomia diante da censura [...], a literatura experimenta o chamado "boom" de 75 [...]. A avaliação é consensual. O novo escritor passa a ser considerado um bom negócio, antigos escritores são relançados com roupagens novas, há o conhecido surto de poesia. No campo insritucional a premiação e a promoção de concursos literários se investe de sentido de patrocínio e incenrivo. As empresas editoras testam o alcance comercial de lançamentos bem programados do ponto de vista mercadológico. [...] Por outro lado, conhece-se a proliferação de revistas literárias que respaldam e se alimentam da boa maré que a literatura experimenta nesse momento: surge *Escrita*, *Ficção*, *Inéditos*, e as sofisticadas *José* e *Anima*.

Das revistas citadas, destaco duas para este estudo — *Escrita* e *José* — a que acrescento uma terceira, *Almanaque*<sup>6</sup>. Num olhar bastante abrangente para a presença do romance nestes periódicos, pode-se constatar, inicialmente, que apesar do já mencionado "boom" de 1975, e ainda apesar de o senso comum nos dizer que o romance é muito mais lido e estudado do que a poesia, esta suposta preponderância aqui não existe.

Na *José*, o romance fica absolutamente em segundo plano, perdendo para a poesia. Talvez o atributo "sofisticada", aplicado à *José*, se deva mais a algumas de suas escolhas literárias do que a seus aspectos gráficos. Isto pode ser percebido no espaço dedicado ao romance que, embora reduzido, é diversificado e traz fragmentos de Flaubert em tradução de Luiz Costa Lima e de Lewis Carroll com tradução e análise de

---

<sup>5</sup> "Política e literatura: a ficção da realidade brasileira" *Anos 70* — Literatura. Rio de Janeiro: Europa, 1979, p. 7-81.

<sup>6</sup> *Escrita* — *Revista Mensal de Literatura*. São Paulo: Vertente, 1975-1988, 39 n. *José* — *Literatura, Crítica & Arte*. Rio de Janeiro: Fontana, 1976-1978, 10 n. *Almanaque* — *Cadernos de Literatura e Ensaio*. São Paulo: Brasiliense, 1976-1982, 14 n. Estas revistas foram indexadas e estão sendo analisadas, respectivamente, por Nilcéia Valdati, Simone Dias e Renata Telles. Destas, apenas *Almanaque* não pode ser considerada estritamente uma revista literária, uma vez que do total de 161 textos publicados em seus 14 números, temos cerca de 44% dedicados à literatura.

Sebastião Uchoa Leite; apresenta ensaio de Klaus Müller-Bergh sobre a obra mais recente de Alejo Carpentier, de Antonio Risério sobre as inovações do *Catatau* de Leminski (aqui inadequadamente rotulado como romance), de Benedito Nunes sobre as *Confissões de Ralfo* de Sérgio Sant'Anna, além dos ensaios de Vilma Arêas sobre Clarice Lispector e de Beatriz Borges e Flora Süssekind sobre os *Três tristes tigres*, de Cabrera Infante. Há, evidentemente, uma preocupação com o valor literário, que se reflete nas escolhas feitas e dá à revista uma certa sofisticação, uma ainda nítida inserção na esfera da alta cultura.

O já consagrado divide ainda o parco espaço com os novos autores, que circulam nas três aparições do "Informe literário", onde há notas editoriais referentes aos "lançamentos". Dentre outros, e a título de exemplo, cito: *Reflexos do baile*, de Antonio Callado, *A noite dos tambores silenciosos*, de Josué Guimarães, *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

Na *Almanaque*, em que circulam outros colaboradores, predominantemente professores da USP, assistimos a um tratamento similar, ao menos do ponto de vista quantitativo. Nos ensaios críticos sobre o romance, podemos ler Roberto Schwarz analisando os primeiros romances de Machado, Oswaldo C. Louzada Filho analisando Lima Barreto e Bento Prado Jr. tratando da autoria na obra de Rousseau. Encontramos ainda Alfredo Bosi estudando o Conselheiro Aires, Tereza Vara tratando do romance brasileiro do século XIX, Marlyse Meyer analisando as influências do folhetim na gênese do romance brasileiro, além de Benedito Nunes e a constituição do romance enquanto gênero e sua revolução, a partir do estudo da obra de Clarice Lispector. E só. Todos absolutamente acadêmicos, exercendo a legítima "crítica universitária" e, curiosamente, muito distantes daquela efervescência que transparece no já mencionado debate com Davi Arrigucci. Se a academia está presente tanto nos colaboradores como em seus objetos de estudo — todos perfeitamente canonizados —, as ausências e lacunas chamam a atenção. Onde estariam os ensaios sobre a produção romanesca recente, contemporânea à própria revista? O que chega mais próximo é o ensaio de Ángel Rama que, evidentemente, ao analisar o "boom" da narrativa latinoamericana, a profissionalização do escritor e as decorrentes questões do mercado e da crítica, está tratando do "boom" hispano-americano que vem dos anos 60, tema, aliás, bastante explorado em *Escrita*. Em *Almanaque*, a produção dos anos 70 fica restrita à publicação de alguns fragmentos da ficção de Renato Pompeu, ignorando tudo o mais na área do romance e abrindo espaço bem mais considerável para a nova poesia dos anos 70, seja

no tratamento ensaístico, seja na publicação de poemas. E, espaço maior ainda se abre para uma certa "ficção satírica", que ironiza, de dentro do próprio veículo, o peso mesmo da produção acadêmica que ali é veiculada<sup>7</sup>.

Por outro lado, a *Escrita* — e aqui trato dos primeiros 24 números, publicados entre 1975 — 1977, apresenta, em termos quantitativos e qualitativos, um "paideuma" e um panorama bastante diferentes do que lemos em *José* e em *Almanaque*. De algum modo, tratando tanto dos "novos" como dos que já se incorporam à tradição, a revista parece ao menos sintonizada com o que vem ocorrendo no campo da produção literária, anunciando, por outro lado, alguns sintomas dos tempos que ainda virão.

Um dos objetivos de *Escrita* é dar espaço aos novos escritores que estão a margem do novo e expansivo mercado editorial — pretende *divulgar* literatura — e ao mesmo tempo, ser uma alternativa às informações divulgadas pelos meios de comunicação de massa. A contraditória preocupação com a mídia é muito grande e aparece em vários artigos. As posições oscilam entre a demonização total desses meios, especialmente da TV, e o tímido chamamento à colaboração com vistas ao uso da mídia em prol da cultura nacional. Sem dúvida, a própria presença da revista nas bancas de jornais e sua preocupação com a vendagem é uma questão de mercado.

Em *Escrita*, a defesa do nacional é grande, no sentido de fazer valer uma identidade que tenderá a se esfumar e de propiciar uma consciência do pouco reconhecimento internacional de que nossos escritores desfrutam, o que, obviamente, tem conseqüências mercadológicas. De um lado, há uma nítida abertura para os escritores hispano-americanos, numa suposta "irmandade" de colonizados; de outro, um indisfarçável "despeito" com o sucesso do "boom" hispano-americano no primeiro mundo. No projeto da revista inclui-se também, dentro da preocupação nacionalista, a divulgação do que se passa nos quatro cantos do Brasil. Nesse sentido, talvez *Escrita* seja uma das menos provincianas ao dar notícias das províncias — busca efetivamente cobrir o que acontece em todo o país e relacionar-se, especialmente, com outros países sul-americanos, diferentemente das outras duas revistas que venho comentando.

O romance tem amplo espaço em *Escrita*, embora não superior aos outros gêneros. Assim como a poesia, o conto e as histórias infanto-juvenis, o romance é objeto de dois concursos literários. Mas diferentemente das outras formas, somente consegue premiar candidatos ao I Concurso *Escrita* de Literatura — Romance (1976)

---

<sup>7</sup> Sobre este aspecto, ver ensaio de Renata Telles — "O crítico de *Almanaque*" — neste mesmo número do *Boletim*.

em que a comissão julgadora – Antônio Torres, Gilberto Mansur e João Antônio — dá o primeiro prêmio a Antônio Possidônio Sampaio por *Sim senhor, inhor sim, pois não...*, cuja recepção ainda precisa ser conferida. Já entre os 10 candidatos ao II Concurso *Escrita* Literatura — Romance, não houve premiação, pela "baixa qualidade dos trabalhos apresentados", segundo a comissão julgadora composta de Silvano Santiago, Marcos Carvalho, Wladyr Nader, Drummond Amorin, Hamilton Trevisan, Yoji Fujyama, Carlos Meneses, Antônio Possidônio Sampaio e Astolfo Araújo. Mais uma vez a complexa questão do valor se impõe e parece dar razão ao julgamento de Davi Arrigucci.

Além de publicar fragmentos dos romances, *Escrita* abriga depoimentos prestados à revista, com espaço aberto a vários romancistas/ficcionistas: Antonio Torres, Inácio Loyola Brandão (sobre a situação do escritor brasileiro e sua sobrevivência no mercado), Bioy Casares e Enrique Medina (sobre o ofício de escrever), Caio Fernando Abreu, João da Penha (sobre Maura Lopes Cançado), Assis Brasil (sobre o "sucesso" do realismo-mágico na Europa e nos EUA — "O que eles têm que nós não temos?"). Encontramos ainda, além de um mapeamento — "A boa *ficção* brasileira de 1975" — que cita 38 (!) autores, Ernesto Sábato tratando da dependência cultural latino-americana em relação às metrópoles, artigos em defesa da cultura nacional e de ataque aos *best-sellers*, ou ainda a discussão do gênero "ficção científica". Miscelânea? Critérios de valor mais distendidos em relação aos das outras duas revistas? Sem dúvida. Mas um eficiente retrato das perplexidades que começam a surgir na cena contemporânea, dos paradoxos que se impõem e das gavetas nada vazias de então.

*Escrita* não descarta os "velhos valores": além de textos de Henry Miller, podemos ler ensaio de Raymundo Faoro sobre Machado de Assis, de Gregory Rabassa sobre Lima Barreto, Samuel Rawett sobre a culpa em Kafka, Fábio Lucas que, criticando o estruturalismo, comenta Machado, Abelaira, Borges, Cortázar e Autran Dourado.

No campo das entrevistas, concedidas efetivamente ou montadas apocrifamente, nos deparamos com um elenco heterogêneo, em que autores de diversas linhagens, tradições e tempos coabitam. Dentre os entrevistados, podemos ler José J. Veiga, Nélida Pinon, Dyonélio Machado, Cyro dos Anjos, Manuel Scorza, Osman Lins, bem como vários escritores portugueses — José Cardoso Pires, Augusto Abelaira, E. M. de Melo e Castro, Bernardo Santareno e Fernanda Botelho — tratando das relações

entre os escritores, sua obra e a censura de um estado autoritário. Ao lado de todos estes escritores que já obtiveram reconhecimento crítico e adquiriram legitimação enquanto escritores, encontramos outros menos conhecidos como Luís Romano Madeira de Melo e Dalcídio Jurandir, além daqueles que produziram uma obra reconhecidamente sem estatuto literário, como Adelaide Carraro.

Ficção? Fragmentos de "romances" também são publicados, embora em número muitíssimo menor do que publica em contos e poemas. Aqui também temos uma mistura entre "velhos e novos" que parece marcar especialmente a revista *Escrita*, com ampla predominância dos primeiros: temos *Os bruzundangas*, de Lima Barreto, *No Maranhão*, de Aluizio Azevedo, *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel Araújo Paiva, *Porto Calendário*, de Osório Alves de Castro, *Fronteira*, de Cornélio Pena, "A tragédia nu láro", da *Divina incrensa*, de Juó Bananere, ao lado de *Essa terra*, de Antônio Torres, "Bodas de pérola" (fragmento de *A festa*), de Ivan Ângelo, *Negrume*, de Luís Romano de Madeira Melo, *Dentes ao sol*, de Inácio Loyola Brandão, e outros.

Mas é nas resenhas que podemos ver a produção considerada por *Escrita* e sua abrangência. Em 24 números da revista, ou seja, em dois anos de publicação, foram resenhados 40 romances, sendo que a maioria recebe uma avaliação razoavelmente positiva, um grande número é recebido negativamente e, como é de se esperar, alguns poucos se destacam positivamente. Assim, a julgar pelas resenhas publicadas em *Escrita*, as melhores obras do período são: *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, *Reflexos do baile*, de Antonio Callado e *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza, avaliação distinta, ao menos em parte, tanto daquela feita por Davi Arrigucci e seus debatedores que destacam, por exemplo, além da obra de Raduan, o romance *Quatro olhos*, de Renato Pompeu, e colocam numa posição mais baixa a obra de Márcio Souza, apesar de sua maior vendagem. Distingue-se também dos leitores da revista que respondem ao chamamento da sessão "O leitor critica", atribuindo mais valor ao *Zero*, de Loyola Brandão.

Diante destes dados, tão gerais que se tornam inevitavelmente redutores, cabe perguntar por algumas lacunas compartilhadas nestas revistas tão distintas entre si: onde estão, por exemplo, *Armadilha para Lamartine*, ou os romances de Paulo Francis, José Louzeiro, Moacyr Scliar e João Antônio? Quais os critérios críticos que nortearam as escolhas? O caminho posterior das fortunas críticas e dos cânones ainda está por ser mapeado e fica para os próximos capítulos.